

TEORIA
GERAL
DO
ABIS-
MO
BRUNO
FÉLIX

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

ILUSTRAÇÕES: Rodrigo Cairo

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F316t FÉLIX, Bruno.

Teoria geral do abismo / Bruno Félix – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.

110 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-615-4

1. Poesia I. Título

CDD B869.1

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Teoria Geral do Abismo

já não tenho certeza
de que existam dias
noites
a vida muda
dizendo tantos açoitos

derrubei minhas horas tantas
ora tanto faz
derrubei tantas
por um caminho que ainda existe
mas não é mais
meu caminho

estranho isso de não mais estar
— penso nisso agora, no momento exato
em que derrubo outra hora no chão da vida

à minha volta tudo cresce
todas as criaturas derrubam seus tempos
cada qual à sua maneira
à própria percepção
mas ninguém me percebe
 senão
 a cadeira, o copo, a chave de fenda
o chão o chão o chão
que pacientemente engole tudo
ao próprio tempo
sem contar horas, dias, noites

(o tempo e sua percepção)

a criança vai crescer
é uma questão
quem era eu quando a vi tão pequena?
não sou mais
nem ela
ninguém é mais do que é agora
e agora já não o é

o que vai fazer agora
com toda essa informação?
vai sentar, olhar à volta, cada um à sua devida distância
um foi trabalhar, outro foi ao mercado, outro foi ao
médico,
outro está de férias, na praia, no parque, sendo, sendo
sendo, indo, passando
há verbos por todos os lados
e meu verbo é sentar
e rir

quero rir o mesmo riso da cristaleira
um riso de taças quebradas que ainda não
mas ela ri porque sabe
ela, a cristaleira, ri seu riso de louça rara através do vidro
enquanto contempla o patrão, desajeitado, servindo-se de
alguma bebida
com a mão trêmula que não colabora
e derrama um pouco mais de suas horas
pelo chão

onde há de deitar cada um
depois das férias, da praia, do parque, do fórum, do mercado,
da piscina, do trabalho, do médico, da feira, do colégio, da loja,
da roupa lavada, da bebida, da academia;
deitar é o verbo
e as horas (quem ainda as conta?)
deitarão por terra a cadeira, o copo, a chave de fenda, a
cristaleira.

ninguém riu quando

quando

quando

quando

ninguém precisa rir

ninguém precisa saber

soube que a senhora do fim da rua caiu e fraturou a bacia
dia desses arrebentou um aneurisma na cabeça do meu
ex-professor de literatura do colégio — faz tempo

faz tanto tempo

faz tanto

faz

morreu aos quarenta, imagino

tanto faz

aos noventa e dois anos, a fratura da bacia deve ser letal,

mas não

assim, fulminante

esses

golpes que a vida dá...

(talvez a velha cristaleira apanhe cupins no pé, capengue
e caia, com louça e tudo, antes de mim, levando taças,

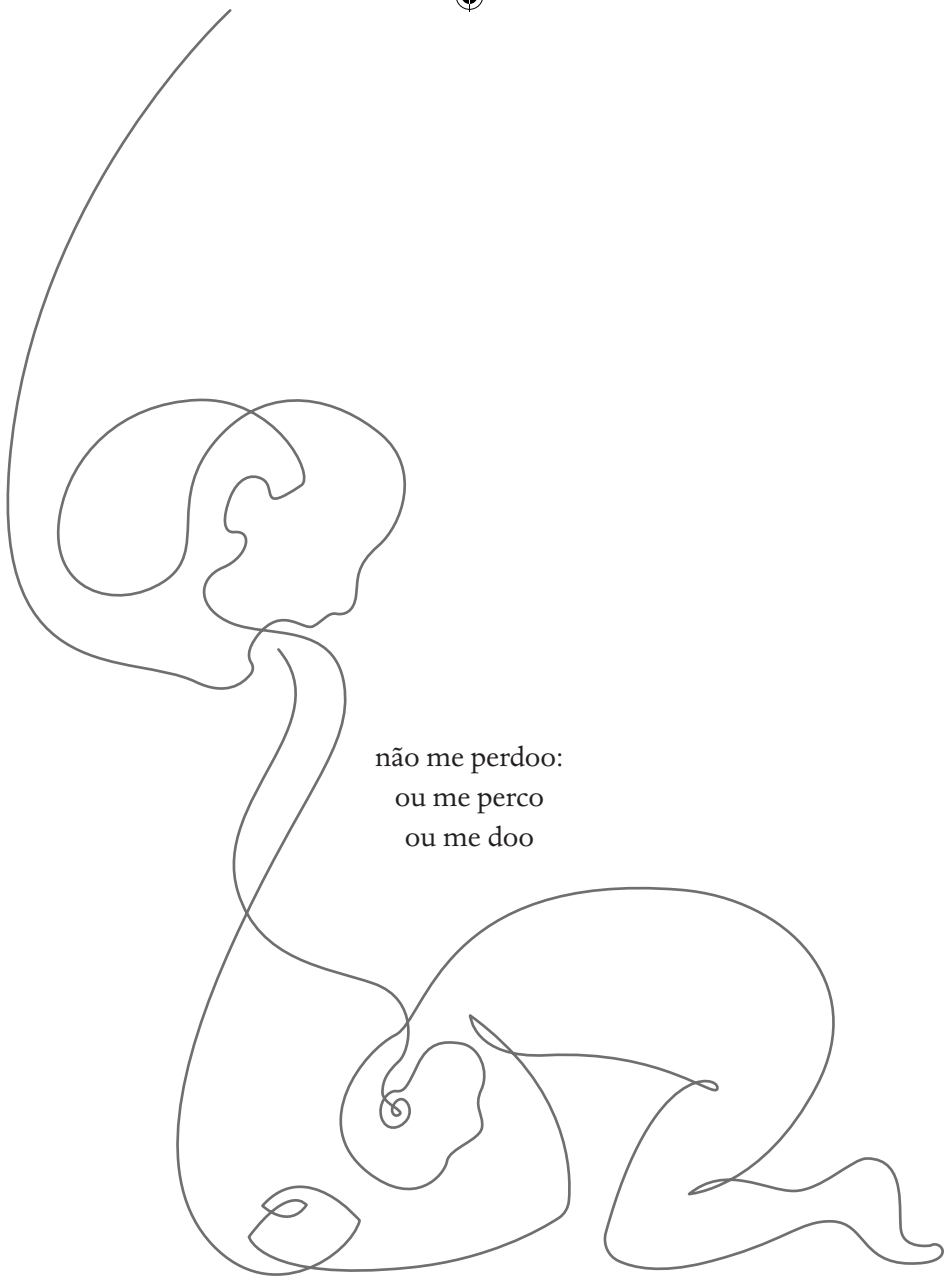
porcelanas, bacia, histórias e risos, um rio de chá que
jamais será servido, um aneurisma de madeira e vidro)
golpe duro
nada dura

já não tenho certeza de que existam noites e dias
tudo é manifestação de uma só coisa
coisa não coisa
coisa fato
coisa sem cheiro
coisa sem tato
essa coisa que o relógio mostra
e quando a gente vê já passou
então ele mostra de novo

não restará nada quando a escada da vida apanhar o
caruncho no pé

no fechar de olhos
fecharão o mercado, a piscina, academia, feira, fórum,
colégio, festa, praia, parque, consultório, loja, árvore,
telhado, boleto, poste, aeroporto, oficina, creche,
farmácia, lagoa, igreja, boate, escritório, armário,
cadeira.
talvez alguma porta, serventia da casa continue aberta.
sempre haverá mais alguém passando, passando, sendo,
indo, sendo, sendo.
Ilusão
fechado o mundo, todas portas se fecharão
é preciso tratar de urgências

vou ligar agora para o marceneiro
caso de restauração
preciso que traga aqui em casa alguns cupins
desses bem parrudos, famintos
é que os pés da cristaleira
são de jacarandá
sabe como é
com essas coisas duras
não podemos facilitar.



não me perdo:
ou me perco
ou me doo

O Verbo

Oh deus de Bach
De Isaac, Nietzsche e de Abraão!
Escutai o poeta triste
Mas ignorai essa oração!
Oh deus cego e todo tenebroso
Deus ausente e impotente
Ai!
Não tende compaixão
Nem mau, nem bom, mas
Pai!
Pai apenas de geração
Mas ainda pai
Vinde e vede
Vossos templos estão cheios de almas vazias
E de pedidos de perdão
Daqueles que nunca perdoarão
E de pedidos de milagres
Milagres que nunca virão
Pois vossa cria esqueceu
Que vós sois mais que mil sóis
Que milhões de milhares de constelações
Sois mais
Vós sois apenas um verbo
Uma vez pronunciado
E eternamente perdido
Condenado ao esquecimento
De toda essa vã vastidão
Condenai, senhor! Condenai!

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em outubro de 2019.
